

# CIDADES RIVAIS: DIZ-ME PORQUE ME ODEIAS, DIR-TE-EI DE ONDE ÉS

Há séculos que existem rivalidades entre cidades e é no Minho que está a mais antiga de Portugal. Braga e Guimarães digladiam-se há mil anos. Porto e Lisboa não, mas parece.

Por Delfim Machado

**3 de maio** de 1213. Bula do Papa Inocêncio III aos priores da Costa e São Torcato, de Guimarães. Ordena-lhes que obedecem ao arcebispo de Braga como fazem os demais clérigos da diocese. É, que se saiba, o documento mais antigo que atesta a rivalidade entre Braga e Guimarães.

Diz-se que o antagonismo entre as duas maiores cidades minhotas "é tão antigo como a Sé de Braga". E há alguma propriedade na conclusão, pois em 1213 ainda não estava terminada a obra de restauração do Monumento Nacional bracarense tal como o conhecemos hoje e já os representantes da igreja de ambos os lados andavam de canceias às avessas.

Desde aí até ao recente "aperto de mão" entre as duas cidades, impulsionado pelos presidentes da Câmara Ricardo Rio e Domingos Bragança, Braga e Guimarães protagonizam dezenas de episódios da mais antiga rivalidade entre cidades portuguesas.

Mas há outras rivalidades, porque embora o fenómeno não seja exclusivo de Portugal, existem vários antagonismos entre cidades portuguesas, registados pela história e originadas por motivos coincidentemente semelhantes.

Os fatores que levam as pessoas a criar perceções das cidades e de rivalidades são diversos, "podendo ter origem em fatores históricos, tal como o berço da nacionalidade, questões políticas, fenómenos desportivos ou outros", explica o investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Paulo Peixoto. Começa, com esta frase, a fazer algum sentido o antagonismo Braga/Guimarães, Porto/Lisboa, Faro/Olhão, Aveiro/Coimbra ou Lamego/Peso da Régua.

De volta ao Minho, há que fazer jus a António Amaro das Neves, um dos maiores apaixonados pela história local de Guimarães, que rese-

nhou como poucos a rivalidade entre as duas cidades. No blogue "Memórias de Araduca", o professor e investigador conta dezenas de episódios de tensão até 1900. Vão desde apedrejamentos ou ameaças com armas, até àquela vez em que as freiras de Guimarães receberam o arcebispo com facas em punho. Perto de 1900, a tensão é tão grande que um deputado vimaranense propõe a desanexação de Guimarães do distrito de Braga e consequente anexação ao Porto. Não avança.

Entretanto, no séc. XX, a camada desportiva é acrescentada à rivalidade, com as disputas futebolísticas entre o Sporting Clube de Braga e o Vitória Sport Clube. Foi o futebol que fez com que os de Braga passassem a ser conhecidos como "Marroquinos" e os de Guimarães os "Espanhóis". Isto na boca do adversário, claro. Ainda hoje há quem mostre o passaporte à saída das portagens da A11,

**Ricardo Rio e Domingos Bragança num "branco de ferro" amistoso entre Braga e Guimarães, na fronteira entre os dois concelhos**



mas a piada é tão repetitiva que já nem arranca sorrisos à funcionária da Ascendi.

Como se começa a perceber, a bola está longe de ser o único objeto que efervesce no seio destes rivais. Na política já foi igual. O que Braga tem, Guimarães quer, e o contrário é igual. A Universidade do Minho, por exemplo, teve de nascer com um polo em cada cidade por falta de consenso na localização. Quando o Governo de José Sócrates anunciou o Instituto de Nanotecnologia para Braga, logo António Magalhães, autarca de Guimarães, se apressou a dizer que era "distrito de Braga", abrindo a hipótese vimaranense. Mas Mesquita Machado, homólogo

## ESSENCIAL

### Alcunhas pejorativas são frequentes

É comum os habitantes de uma cidade serem chamados com alcunhas depreciativas pelos residentes da cidade rival. Em Braga, os de Guimarães são "Espanhóis". Do outro lado da barricada chama-se "Marroquinos" aos de Braga. Em certas zonas do país chama-se "Mouros" aos de Lisboa e os do Porto são os "Tripeiros". Nos últimos dois casos há quem não se importe com a alcunha. E, no caso do Porto, ser tripeiro é um orgulho porque na origem está a história das tripas que deram força aos heróis enquanto construíam as embarcações para a conquista de Ceuta.





ALBERTO PEREIRA/AGÊNCIA A3

go de Braga, já tinha o compromisso acertado e o Instituto foi mesmo para a cidade dos arcebispos. Estávamos em 2006. Em compensação, no mesmo ano, o Governo escolhe Guimarães para ser Capital Europeia da Cultura 2012, designio que Braga também ambicionava. Como troca, os bracarenses ganham a Capital Europeia da Juventude.

Hoje, uma década depois, tudo parece ser diferente. Ricardo Rio e Domingos Bragança, respetivamente autarcas de Braga e Guimarães, fazem da cooperação palavra de ordem e até organizam atividades conjuntas. Há dois anos nasceu a "Estafeta da Amizade", uma corrida de 21

## ENCONTRO HISTÓRICO

COMO JUNTAMOS DOIS AUTARCAS NA FRONTEIRA E OS FOTOGRAFAMOS JUNTOS...

# Uma fotografia quebra barreiras e teve o "sim" imediato dos dois

Pela primeira vez desde sempre, os representantes do povo de Guimarães e Braga juntaram-se para uma fotografia a dois. O desafio lançado pelo JN teve "sim" imediato de ambos, mesmo apesar do ingrediente extra: cada um vestir a camisola do seu clube. O local era óbvio: a Estrada Nacional 101, que sempre uniu as cidades mesmo quando estiveram de costas voltadas. Chega primeiro Ricardo Rio e, na ausência do homólogo de Guimarães, Domingos Bragança, alguém atrai que se vai acabar ali a amizade. Todos se riem, o que prova que a cooperação tem cimento suficiente para aguentar a brincadeira. "Como vai meu caro, apanhou trânsito?", lança o bracarense enquanto se abraçam em cumprimento. Nunca antes tinham abordado de forma direta a cooperação, e a rivalidade. Por isso, a imagem do fotógrafo Miguel Pereira é, também ela, o quebrar de mais uma barreira na aproximação entre as duas cidades mais populosas do Minho. Na despedida, Ricardo Rio lembra que há reunião do Quadrilátero Urbano para breve. "Lá estarei, mas ainda falamos antes disso", responde Domingos Bragança, de sorriso cúmplice.

**AUTARCAS DO MINHO QUEREM PROMOVER A AMIZADE ENTRE CIDADES RIVAIS**



quilómetros entre Guimarães e Braga em que os autarcas competem na mesma equipa.

"Eu gosto muito do Centro Histórico de Guimarães", assume Ricardo Rio. "Eu aprecio muito a vertente religiosa de Braga", responde Domingos Bragança. Foram instados a responder à pergunta do fair-play, é certo, mas nem hesitaram na resposta. Como também não hesitam em deixar o futebol fora da parceria. "Não se estende ao futebol, cada um é pelo seu, como é óbvio", respondem, entre risos.

É unânime que o futebol, em Portugal, é potenciador de rivalidades entre cidades. O sociólogo Paulo Peixoto acrescenta que o desporto "é usado para que algumas cidades ganhem proeminência". O Porto assenta como uma luva nesta circunstância e prova disso é a chegada de Jorge Nuno Pinto da Costa à presidência do F.C. Porto, em 1982.

Para além de ter levado o clube a alcançar uma dimensão nacional e internacional nunca antes vista, dando argumentos à cidade para ombrear com Lisboa de igual para igual, o presidente portista nunca abandonou o discurso regionalista e a reivindicação de um estatuto semelhante ao de capital para a maior cidade do Norte. A crítica ao "centralismo" de Lisboa está presente, ainda hoje, em grande parte das intervenções que faz.

O facto de Lisboa ter todos os centros de poder, incluindo o da informação (exceção feita ao IN e Porto Canal nos grandes meios generalistas de massas), sempre deixou o Porto a reclamar por mais. O que não impediu a cidade de evoluir. "O Porto enquanto cidade nunca esteve tão pujante, por mérito próprio", assinala Carlos Tê, conceituado letrista, que reconhece a existência do centralismo de Lisboa: "Mesmo os representantes políticos do interior chegam a Lisboa e são absorvidos por esse vórtice centralista".

Ainda que a rivalidade Porto/Lisboa seja mais sentida no Norte, há setores de Lisboa que também olham para o Porto como o "enfant terrible" do país, qual cidade de sotaque rude que não se subjugava aos designios da capital. Uma espécie de Guimarães dentro do distrito de Braga, ou como Aveiro numa Zona Centro cujo representante é Coimbra, ou um Olhão no Algarve em que Faro é capital de distrito. ●

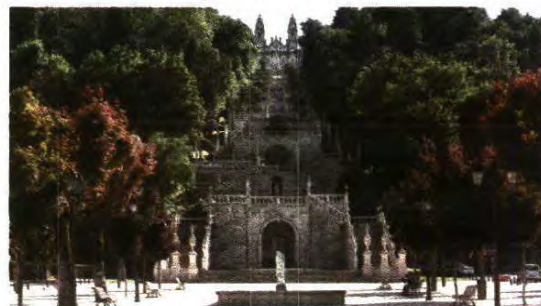
## RIVALIDADES CÁ DENTRO...



### AVEIRO/COIMBRA

#### ASCENSÃO DE AVEIRO MARCADA PELA UNIVERSIDADE

A rivalidade entre as cidades de Aveiro e Coimbra ter-se-á iniciado "no final do século passado", altura em que Aveiro começa a emergir e se torna mais forte a nível industrial e Coimbra perde indústria e direciona-se para a prestação de serviços, explica Paulo Peixoto, investigador no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. O ponto marcante dá-se nos anos de 1970, quando é criada a universidade em Aveiro, o que confere à cidade outro estatuto. Até então, a principal disputa de Coimbra era com Braga, pelo reconhecimento como terceira cidade do país, z.c.



### LAMEGO/PESO DA RÉGUA

#### PROIBIDAS DE NAMORAR RAPAZES DA OUTRA TERRA

A rivalidade é histórica, embora tenha vindo a esbater-se com as novas gerações e com a aproximação gerada por melhores vias de comunicação. Mas tempos houve que as raparigas de uma cidade estavam socialmente proibidas de namorar com os rapazes da outra. Das alcunhas é que não se livraram: Galegos os da Régua e Larachos os de Lamego. e.p.





BRUNO SHERIDAN/GETTY IMAGES / GLOBE PHOTOS

## ... E LÁ FORA

### ESTADOS UNIDOS

#### NOVA IORQUE/BOSTON ANTERIOR AOS E.U.A.

Esta rivalidade é anterior à formação dos Estados Unidos da América e remonta ao tempo da América colonizada. Nova Iorque estava na mão dos ingleses e Boston era da Holanda, com guerras bélicas, religiosas e financeiras. Hoje, o basebol é o legado de séculos de rivalidade, com confrontos desportivos entre os New York Yankees e os Boston Red Sox.

### ESPAÑA

#### MADRID/BARCELONA A FERVER COMO NUNCA

O conflito político da independência da Catalunha é a face mais visível do conflito entre a capital de Espanha e a capital da Catalunha. As raízes deste conflito têm vários séculos, muito pelo poderio das duas cidades, com o distanciamento de Madrid a fazer-se nos tempos da ditadura de Franco. No plano desportivo, Real Madrid e Barcelona encarnam a inimizade na plenitude.

### FRANÇA

#### PARIS/MARSELHA

##### UMA INIMIZADE EXPECTÁVEL

Um simples olhar para o mapa de França ajuda a explicar o porquê de Marselha e Paris serem rivais. Marselha, segunda maior cidade, representa o Sul. Paris, capital de França e cidade mais populosa do país, representa o Norte. A questão demográfica e geográfica estende-se ao plano desportivo, com o Paris Saint-Germain e o Olympique de Marseille a protagonizarem a maior rivalidade do futebol francês.

### ITÁLIA

#### ROMA/MILÃO

##### DOIS CENTROS NO MESMO PAÍS

Outra rivalidade com raízes antigas. Milão, representante do Norte, é o centro financeiro e um dos maiores ícones da moda europeia. Roma, capital de Itália e representante do Sul, é a sede do Governo e do catolicismo mundial. No plano desportivo, a Roma rivaliza mais com a Lazio e os dois clubes de Milão (AC e Inter) também rivalizam mais entre si, sendo por isso um facto curioso.

"São um instrumento político para gerir recursos"

**Paulo Peixoto**, investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, diz que as representações que as pessoas fazem das cidades influenciam as suas escolhas

#### Que fatores criam rivalidades?

Os fatores que levam a rivalidades variam no tempo e nos contextos. O que é certo é as rivalidades existirem, sendo as causas de diferente natureza, amplitude e duração. Pode ser um episódio histórico. Um fator de natureza económica. Uma percepção de alteração das hierarquias urbanas. Uma lógica política. As rivalidades nem sempre são recíprocas. Vivemos num tempo em que se acentua o caráter rival e competitivo entre cidades, mas ainda há algumas décadas predominava o paradigma da cooperação, através da geminação de cidades.

#### Quais são e o que motiva as principais rivalidades existentes em Portugal?

Em Portugal, tal como noutras locais, há que analisar as rivalidades existentes caso a caso. Um caso são antigas. Outras são recentes. Um caso são socialmente transversais. Outras restringem-se a fenómenos como, por exemplo, o futebol. Num país que diz ser "Lisboa e o resto é paisagem", as rivalidades parecem ser menos expressivas que aquilo que são. Braga e Guimarães. O Porto em relação a Lisboa. Coimbra e Braga há 100 anos. Póvoas e Miranda do Corvo. São, todos eles, exemplos de rivalidades com as suas especificidades. As rivalidades são, frequentemente, e são no em Portugal, um instrumento político para gerir recursos e investimentos públicos. Ou seja, quanto mais expressiva politicamente é uma rivalidade (como, por exemplo, a do Porto em relação a Lisboa), mais ela serve para justificar a concentração de equipamentos, infraestruturas e recursos públicos.

#### De que forma isso influencia as dinâmicas das cidades?

As pessoas relacionam-se com as cidades e com os espaços urbanos a partir das representações que têm dessas realidades e que são criadas por inúmeros fatores, como a literatura, episódios marcantes da História, os monumentos, os grandes eventos, marketing. Quanto mais aquilo que as pessoas fazem no seu dia-a-dia é uma opção, e não uma obrigação, mais as representações são importantes, pois as pessoas tendem a escolher a partir das representações que fazem. z.c.

## ETERNOS RIVALS

### Porto e Lisboa

A dimensão que o futebol deu às rivalidades entre cidades começou a ser construída há 123 anos, mais precisamente a 2 de março de 1894, no jogo entre o Foot-Ball Club do Porto e o Club Lisboense. Realizou-se no Norte, no Campo Alegre, onde agora é o Oporto Cricket. O Porto foi a cidade escolhida para defrontar a capital, pois já ganhava o protagonismo político e industrial que germinou a rivalidade entre ambos. No futebol, nesse dia, ganhou Lisboa por 1-0. No país, ganhou-se uma rivalidade eterna. É certo que o ódio entre "Mouros" e "Trupeiros" é anterior ao futebol. Já Eça de Queirós escreveu sobre isso. Mas foi com o desporto que os portugueses mais ganharam argumentos para ombrear com a cidade rival, sobretudo nos últimos 40 anos.



OSCAR ELIZABETH



SHERIDAN/GETTY IMAGES

#### OLHÃO/FARO

##### EPICENTRO NA REVOLUÇÃO FRANCESA

Remonta pelo menos ao tempo da rebelião olhanense, em 1808, quando o exército francês instalado em Faro foi alvo da rebelião de Olhão. Foi criada a Vila de Olhão e vencida a primeira batalha do país rumo à expulsão do exército napoleónico. O antagonismo Farense – Olhanense viria, mais tarde, a transpor o sentimento social para dentro do relvado.